

BECCA FITZPATRICK

PERIGO
IRRESISTÍVEL

Tradução de Irene Ramalho

Capítulo um

Se eu morresse, não seria de hipotermia, pensei, resoluta, enquanto enfiava um saco-cama de penas de ganso, fixando-o com o auxílio de correias, na parte de trás do Jeep Wrangler, junto a uma pilha com cinco mochilas carregadas de equipamento, cobertores de lã e malha polar, forros para sacos-cama, esteiras e almofadas térmicas para os dedos dos pés. Confiante de que nada se soltaria durante as três horas de viagem até Idlewilde, fechei a porta da bagageira e esfreguei as mãos nos calções de ganga.

Ouvi o Rod Stewart a cantar *If you want may body*, e antes de atender o telemóvel berrei a parte do *And you think I'm sexy* em coro com o Rod. Do outro lado da rua, a sra. Pritchard fechou a janela da sala de estar com um safanão. Sinceramente. Seria um crime desperdiçar um toque de telemóvel tão fantástico.

– Oi, miúda – disse a Korbie, fazendo estalar uma bola de pastilha elástica ao telemóvel. – Sempre partimos à hora prevista?

– Pequeno problema. Não há espaço que chegue no jipe – respondi com um suspiro teatral. Eu e a Korbie éramos amigas do peito desde pequenas, mas mais parecíamos irmãs. Espicarmos-nos uma à outra fazia parte do entretenimento. – Consegui espremer os sacos-cama e o equipamento, mas vamos ter de deixar para trás uma das mochilas: a azul-marinho com alças cor-de-rosa.

– Deixas essa mochila e bem podes dizer adeus à minha contribuição para a gasolina.

– Já devia ter calculado que ias jogar a cartada da família rica.

– Quem pode, pode. De qualquer forma, devias culpar a febre

dos divórcios e todos os infelizes que contratam a minha mãe. Se mais casais se reconciliassem, não teria emprego.

– Mas aí, terias de mudar de casa. Não, quanto a mim, os divórcios nunca são de mais.

A Korbie deixou escapar uma risadinha sardónica.

– Acabei de ligar ao Bear. Ainda não começou a fazer as malas, mas jurou que estaria connosco em Idlewilde antes do anoitecer. – Idlewilde era um pitoresco chalé, situado no Parque Nacional Grand Teton, que pertencia à família da Korbie, e durante a semana que se avizinhava seria o mais próximo que iríamos estar da civilização. – Disse-lhe que se tiver de expulsar os morcegos dos beirais sozinha, ele que conte com umas longas férias da Páscoa na mais pura castidade – acrescentou.

– Ainda nem acredito que os teus pais concordaram em deixar-te passar as férias com o teu namorado.

– Bem, para dizer a verdade... – começou ela, hesitante.

– Eu sabia! Logo vi que havia marosca...

– O Calvin também vai, como acompanhante.

– O quê? Como assim?

A Korbie emitiu o ruído de alguém a engasgar-se.

– Veio passar as férias a casa e o meu pai resolveu obrigá-lo a ir connosco. Ainda não falei com ele sobre o assunto, mas deve estar passado. Detesta quando o meu pai lhe dá ordens, sobretudo agora que está na universidade. Vai andar de mau humor o tempo todo e eu é que vou ter de o aturar.

Sentei-me no guarda-lamas do jipe, com os joelhos em água. Custava-me respirar. Assim, sem mais nem menos, o fantasma do Calvin voltava a surgir por todo o lado. Lembrei-me da primeira vez que nos beijámos. No meio de um jogo das escondidas, ao correr do leito do rio nas traseiras da casa dele, puxara-me pela alça do sutiã e enfiara a língua na minha boca enquanto os mosquitos me zuniam aos ouvidos.

E eu tinha desperdiçado cinco páginas do meu diário a registar o acontecimento *ad nauseam*.

– Deve estar mesmo a chegar à cidade – disse a Korbie. – É uma treta, não? Mas, quer dizer, o Calvin já passou à história... certo?

– Completamente – respondi eu, na esperança de parecer indiferente.

– É que não quero que haja constrangimentos, percebes?

– Oh, por favor. Não penso no teu irmão há décadas.

Logo a seguir, acrescentei sem pensar:

– E se ficar eu de olho em ti e no Bear? Diz aos teus pais que não precisamos do Calvin.

A verdade é que não me sentia preparada para o voltar a ver. Talvez o melhor fosse desistir da viagem. Fingir-me doente. Só que esta era a *minha* viagem. Tinha trabalhado muito para isto. Não o podia deixar arruiná-la. Já tinha arruinado mais do que o suficiente.

– Os meus pais não vão nessa – disse a Korbie. – O Calvin ficou de ir ter connosco a Idlewilde ainda esta noite.

– Esta noite? E o equipamento dele? Não vai ter tempo para preparar tudo – observei. – Nós andamos há dias a organizar as nossas coisas.

– Ouve, estamos a falar do Calvin. O meu irmão é, tipo, metade cabra montês. Espera... Tenho o Bear na outra linha. Já te ligo.

Desliguei e estendi-me na relva. *Inspira, expira*. Agora que, finalmente, tinha conseguido seguir em frente, ele voltava a aparecer na minha vida, a arrastar-me de volta ao ringue para o segundo *round*. Quase dava vontade de rir. O Calvin tinha sempre de ter a última palavra, pensei com cinismo.

Claro que não precisava de tempo para se preparar: ele praticamente crescera a fazer caminhadas nas proximidades de Idlewilde. Provavelmente, tinha o equipamento guardado num roupeiro, pronto a utilizar.

Recuei vários meses, até ao outono anterior. O Calvin estava há cinco semanas na universidade, no primeiro ano em Stanford, quando decidiu romper comigo. Por telefone. Numa noite em que precisava mesmo do apoio dele. Nem sequer queria pensar no assunto, era demasiado doloroso lembrar-me do que tinha acontecido naquela noite. De como tudo tinha terminado.

Posteriormente, com pena de mim e num gesto nada característico, a Korbie concordara em deixar-me organizar as férias da Páscoa do último ano do secundário, na esperança de me animar. As

nossas outras duas amigas mais próximas, a Rachel e a Emilie, iam ao Havai. Eu e a Korbie ainda tínhamos considerado passar as férias com elas nas praias de Oahu, mas eu devia adorar sofrer, pois disse adeus ao Havai e declarei que dentro de seis meses estaríamos a calcorrear a cordilheira de Teton de mochilas às costas. Se a Korbie conhecia a razão da minha escolha, tinha tido delicadeza suficiente para não abordar o assunto.

Eu sabia muito bem que as férias do Calvin iriam coincidir com as nossas, e também sabia como ele adorava fazer caminhadas e acampar nas montanhas. Tinha esperança de que, ao saber da nossa viagem, ele se fizesse de convidado e nos acompanhasse. Queria desesperadamente passar mais tempo com ele, fazê-lo ver-me sob outro prisma e arrepender-se de ter sido estúpido a ponto de desistir de mim.

Porém, ao fim de meses sem uma palavra dele, percebi finalmente a mensagem: o Calvin não estava interessado na viagem porque não estava interessado em mim; não tinha qualquer vontade de voltar a namorar comigo. Abandonei toda a esperança num futuro juntos e reprimi o que sentia por ele. O Calvin tinha morrido para mim. Agora, esta viagem era só minha.

Afugentei a memória e tentei refletir sobre o próximo passo. O Calvin estava de regresso a casa. Ao fim de oito meses ia vê-lo, e ele ia ver-me. Que havia eu de lhe dizer? Seria terrivelmente constrangedor?

Sem dúvida.

O que me ocorreu a seguir deixou-me envergonhada, de tão incrivelmente fútil que era: perguntei-me se teria engordado desde a última vez que nos tínhamos visto. Achei que não. As corridas e os treinos de musculação com que me preparara para a expedição às montanhas tinham-me, isso sim, proporcionado umas pernas esculpturais. Procurei agarrar-me a essa ideia consoladora, mas não ajudou. Sentia vontade de vomitar. Não podia ver o Calvin agora. Julgava que tinha superado a dor, mas lá estava ela novamente a arder-me no peito.

Respirei fundo mais algumas vezes, para me recompor, enquanto ouvia o rádio do jipe a tocar baixinho. Não era música, mas a previsão do tempo.

«... duas frentes de tempestade preparam-se para atingir a região sudeste do Idaho. Esta noite, a probabilidade de precipitação chegará aos noventa por cento, com possibilidade de trovoadas e ventos fortes.»

Encavalitei os óculos de sol no topo da cabeça e, de olhos semi-cerrados, sondei o céu azul que se estendia de horizonte a horizonte. Nem sombra de nuvens. Ainda assim, se estavam a prever chuva, o melhor seria fazermos-nos à estrada antes do mau tempo. Felizmente, estávamos de partida para o Wyoming, um passo à frente da tempestade.

– Pai! – berrei, pois as janelas da casa estavam escancaradas.

Pouco depois, o meu pai apareceu à porta. Estiquei o pescoço e olhei para ele com o meu beicinho mais eficaz.

– Vou precisar de dinheiro para a gasolina, paizinho.

– O que é que fizeste à tua mesada?

– Tive de comprar umas cenas para a viagem – expliquei.

– Nunca ouviste dizer que o dinheiro não cresce nas árvores? – disse ele em tom de brincadeira, a abanar a cabeça com uma expressão condescendente. Levantei-me de um salto e fui-lhe dar um beijo na cara.

– Preciso *mesmo* de dinheiro para a gasolina.

– Pois, claro que precisas... – Abriu a carteira com um pequeno suspiro e entregou-me quatro velhas e encarquilhadas notas de 20 dólares. – Não o deixes chegar à reserva, ouviste? Não esperes que lá em cima nas montanhas haja uma estação de serviço em cada esquina. Não há nada pior do que ficar a pé por falta de combustível.

Enfiei o dinheiro no bolso e fiz-lhe um sorriso angélico.

– É melhor dormires com o telemóvel e um cabo de reboque de baixo do travesseiro, por via das dúvidas.

– Britt...

– Estava só a brincar – disse eu a abafar o riso. – Não vou ficar sem gasolina, não te preocupes.

Saltei para dentro do Wrangler. Tinha recolhido a capota e o sol aquecera o interior. Endireitei-me no assento e estudei o meu reflexo no retrovisor. Quando o verão chegasse ao fim, o meu cabelo seria da cor da manteiga e eu teria mais umas dez sardas a acrescentar às já existentes. Herdara genes alemães do lado do pai e suecos

do lado da mãe. Probabilidade de queimaduras solares? Cem por cento. Peguei no chapéu de palha pousado no banco do passageiro e enterrei-o na cabeça. Mas descalça, pelo menos, ainda podia ir.

O traje perfeito para uma loja de conveniência.

10 minutos depois, estava na loja a atestar um copo com granizado de framboesa. Bebi um pouco e tornei a encher. O Willie Hennessey, o funcionário da caixa, lançou-me um olhar maléfico.

– Santa paciência... – disse ele. – Serve-te à vontade, por quem és...

– Já que ofereceste... – respondi eu alegremente, sorvendo mais um pouco do líquido pela palhinha antes de voltar a encher o copo.

– É meu dever manter a ordem aqui dentro, por isso...

– *Dois* golinhos de nada, Willie. Ninguém vai à falência por causa de dois miseráveis golinhos. Desde quando és tão rabugento?

– Desde que começaste a desviar o granizado e a fingir que não consegues operar a bomba da gasolina só para me obrigares a ir lá fora atestar o depósito por ti. Quando apareces por aqui só me apetece fugir.

Franzi o nariz.

– Não gosto de ficar com as mãos a cheirar a gasolina. E tu tens tanto talento para operar as bombas, Willie... – acrescentei com um sorriso lisonjeiro.

– A prática leva à perfeição – resmungou ele.

Vagueava descalça pelos corredores da loja à procura de gomas de alcaçuz e aperitivos de queijo, pensando para comigo que se o Willie não gostava de encher o depósito do meu jipe faria melhor em arranjar outro emprego, quando ouvi soar a campainha por cima da porta. Alguém se aproximou por trás de mim sem que me desse conta, e nisto senti um par de mãos quentes e calejadas a taparem-me os olhos.

– Adivinha quem é?

O familiar cheiro a roupa lavada fez-me estacar. Rezei para que ele não me sentisse corar. Levei imenso tempo a recuperar a voz, que parecia ter-se encolhido de susto e sumido aos trambolhões pela garganta abaixo.

– Vou precisar de uma pista – disse eu, esperando parecer entediada. Ou ligeiramente impaciente. Tudo menos melindrada.

– Baixo. Gordo. Dentes de coelho.

Mesmo ao fim de tantos meses, seria impossível confundir aquela voz suave e brincalhona. Pareceu-me ao mesmo tempo familiar e desconhecida. Senti-lo tão perto estava a deixar-me tonta de nervos. Tive receio de desatar aos berros com ele ali, em plena loja. Mas se o deixasse chegar perto de mais, o meu receio era *não* desatar aos berros com ele. E *como* me apetecia berrar-lhe: tinha passado oito meses a praticar o que lhe diria e estava mais do que pronta para deitar tudo cá para fora.

– Sendo assim, vou arriscar... Calvin Versteeg – declarei eu num tom cortês, mas distante. Mesmo no ponto. E não me ocorreu alívio maior.

O Cal pôs-se à minha frente e apoiou um cotovelo no expositor da ponta do corredor. Lançou-me um sorriso vagamente sinistro. Dominava aquele charme diabólico há muitos anos, e nessa época era impossível resistir-lhe, mas agora sentia-me mais forte.

Ignorando o rosto bonito, olhei-o de cima a baixo com ar de tédio. Pelos vistos, o penteado tinha ficado por conta da almofada naquela manhã. O cabelo parecia mais comprido. Nos dias mais quentes, durante o treino, quando empapava de suor até pingar, adquiria a cor dos troncos das árvores. A memória provocou-me uma dor interna. Pus de lado a nostalgia e observei-o com frieza.

– O que é que queres?

O Calvin inclinou a palhinha do granizado e serviu-se sem pedir licença. Limpou a boca às costas da mão.

– Fala-me desse tal acampamento.

Arrebatei o granizado para longe dele.

– *Expedição*. – Senti que era importante fazer a distinção. Qualquer um podia acampar. Uma expedição às montanhas requeria saber e firmeza de carácter.

– Já tens tudo aquilo de que precisas? – continuou ele.

– E uns quantos luxos também. – Encolhi os ombros. – Uma rapariga não sobrevive sem o seu *lip gloss*.

– Sejamos sinceros, Britt: a Korbie não te vai deixar pôr os pés fora

do chalé. Tem horror ao ar puro. E tu não lhe sabes dizer que não. – Fez um gesto de entendido. – Já vos conheço.

Lancei-lhe um olhar indignado.

– Só para que saibas, vamos andar a semana inteira em caminhadas. Planeámos uma rota de 60 quilómetros.

Na realidade, tratava-se de um *pequeno* exagero. A Korbie só tinha concordado com um máximo de três quilómetros por dia e insistira em caminhar em círculos ao redor de Idlewilde, para o caso de necessitarmos de acesso rápido às instalações ou à televisão por cabo. Embora não tivesse grandes expectativas de conseguir passar a semana inteira em plena natureza, contava deixar a Korbie e o Bear no chalé por um dia e partir sozinha à aventura. Precisava de pôr o meu treino à prova.

Era óbvio que, agora que se ia juntar a nós, o Calvin acabaria por descobrir a verdade, mas naquele momento a minha prioridade era impressioná-lo. Estava farta de o ouvir insinuar que não lhe dava razões para me levar a sério. Mais tarde, quando me pedisse satisfações, podia sempre continuar a alegar que a intenção inicial era realmente passar a semana toda em caminhadas e que a Korbie é que me retinha. O Calvin não consideraria a desculpa rebuscada.

– Tens noção de que ainda há vários trilhos cobertos de neve, não tens? E ainda estamos em época baixa para o alojamento turístico, por isso, não há quase ninguém na zona. Até o posto da guarda-florestal em Jenny Lake está fechado. A tua segurança está nas tuas mãos: nesta altura do ano não há ninguém para garantir as operações de resgate.

Fixei-o com um olhar insolente.

– Não me digas! Não me atirei a isto completamente às escuras, Calvin – disparei. – Sei bem ao que vou. Vai correr tudo bem.

O Calvin esfregou a boca com a mão, para disfarçar um sorriso, com uma expressão que deixava bem claro o que pensava de tudo aquilo.

– Não tens mesmo fé nenhuma em mim – declarei, tentando não parecer ofendida.

– Só acho que se vão divertir mais se forem para Lava Hot Springs. Podem aproveitar as fontes termais.

– Passei o ano todo a treinar para esta viagem – repliquei. – Estás

longe e, por isso, não sabes como me tenho esforçado. Há oito meses que não me vês. Já não sou a mesma pessoa que deixaste para trás, Calvin. Não me conheces.

– Bem visto – disse ele com um gesto conciliatório para indicar que tinha sido apenas uma sugestão inocente. – Mas porquê Idlewilde? Não há nada para fazer lá em cima. Ao fim da primeira noite já vão estar aborrecidas de morte.

Porque estaria o Calvin tão apostado em dissuadir-me? Ele adorava Idlewilde e sabia tão bem como eu que havia muito com que nos entretermos.

E foi então que percebi. Aquela conversa não tinha nada que ver comigo nem com Idlewilde. O que ele não queria era ir connosco por obrigação. Não queria ter de passar tempo comigo. Se me conseguisse convencer a desistir da viagem, o pai não o podia obrigar a passar as férias connosco e ele ficaria livre para as gozar como bem lhe apetecesse.

Tossiquei para limpar a garganta enquanto digeriria estas dolorosas considerações.

– Quanto é que os teus pais te estão a pagar para fazeres de ama-seca?

O Calvin olhou-me com uns ares superiores, como que a avaliar-me.

– Muito pouco, pelos vistos.

Com que então era assim que ia ser. Um cúmplice piscar de olhos aqui, uma salva de acusações acolá. Mentalmente, desenhei um grande X por cima do nome do Calvin a marcador preto.

– Só para que fique claro, nunca quis que viesses a reboque. Tu e eu juntos, outra vez? Haja pachorra. – Tinha soado melhor na minha cabeça. A pairar no ar entre nós, as palavras escorriam veneno e dor de cotovelo – precisamente o que diria uma namorada rejeitada. Não queria que o Calvin soubesse que a dor ainda não passara. Não com ele ali todo sorrisinhos e atitudes sedutoras.

– Ai é? Pois bem, aqui a ama-seca acaba de antecipar a hora do recolher obrigatório – gracejou ele.

Indiquei com um gesto de cabeça o BMW X5 todo-o-terreno estacionado diante da montra da loja.

– É teu? – tentei adivinhar. – Outro presente dos teus pais ou sempre tens outra ocupação para além de correr atrás das miúdas em Stanford, tal como manter um emprego respeitável?

– O meu emprego *é* correr atrás das miúdas. – E fez-me um sorriso odioso. – Mas eu não lhe chamaria respeitável.

– Nada de relacionamentos sérios, então? Que pena... – Não tive coragem de o encarar, mas senti um orgulho imenso do meu tom informal. Procurei convencer-me de que a resposta dele, fosse ela qual fosse, me era indiferente. Saber que o Calvin tinha seguido em frente seria, aliás, uma luz verde a indicar-me que era livre para fazer o mesmo.

Ele tocou-me com o cotovelo.

– Porquê? Tens namorado?

– Claro...

– Pois sim... – bufou ele. – A Korbie já me teria contado.

Sem vacilar, ergui as sobrancelhas num gesto de desafio.

– Acredites ou não, há coisas que a Korbie não te conta.

O Calvin franziu o sobrolho.

– Quem é o tipo? – perguntou ele, hesitante, dando para perceber que não sabia se devia acreditar em mim ou não.

A melhor forma de emendar uma mentira é não contar outra a seguir, mas eu não consegui resistir.

– Não o conheces. Mudou-se para cá há pouco tempo.

O Calvin abanou a cabeça.

– Demasiado conveniente. Não acredito. – Mas o tom dele sugeria incerteza.

Senti uma vontade urgente de lhe provar que já estava noutra, independentemente de a relação ter tido ou não uma conclusão satisfatória para ambas as partes. Quanto a mim, não. E não apenas isso, mas que tinha encontrado alguém muito, *muito* melhor do que ele. Enquanto o Calvin cultivava a sua aura de engatidão sebento na Califórnia, eu não andava (repito, *não* andava) a chorar pelos cantos agarrada a velhas fotografias dele.

– Olha, ali está ele. Vê por ti próprio – disse eu sem pensar.

O olhar do Calvin seguiu o meu gesto na direção do Volkswagen Jetta vermelho parado ao lado da bomba mais próxima. O rapaz que

estava a atestar o depósito devia ser uns dois anos mais velho do que eu. Usava o cabelo bastante curto, realçando a admirável simetria das faces. Tinha o sol pelas costas, e as sombras acentuavam-lhe as depressões sob as maçãs do rosto. Não dava para ver de que cor eram os olhos, mas esperava que fossem castanhos, quanto mais não fosse porque os do Calvin eram de um verde rico e intenso. O tipo possuía os ombros musculados e imaginei que praticava natação. Nunca o tinha visto.

– Aquele tipo? Reparei nele quando entrei. A matrícula é do Wyoming.

O Calvin ainda não parecia convencido.

– Já te disse, mudou-se para cá há pouco tempo.

– É mais velho do que tu.

Lancei-lhe um olhar cheio de significado.

– E?

A campanha da porta souu e o meu pretenso namorado entrou na loja. Ao perto ainda era mais bonito e, de facto, tinha os olhos castanhos, de um castanho desvanecido que me fazia lembrar a cor da madeira que dá à costa na praia. Enquanto ele sacava a carteira do bolso das calças, agarrei no Calvin pelo braço e puxei-o para trás de uma prateleira de Oreos e biscoitos de figo.

– O que é que julgas que estás a fazer? – perguntou o Calvin a olhar para mim como se me tivesse crescido uma segunda cabeça.

– Não quero que ele me veja – sussurrei.

– Porque estavas a mentir e ele não é teu namorado, certo?

– Não é isso, é que...

Onde estaria o expositor das mentiras convincentes agora que eu precisava tanto de uma?

O Calvin fez um sorriso maquiavélico e, quando dei por mim, tinha sacudido a minha mão e estava-se a dirigir ao balcão da saída. Contive um gemido de desespero e continuei a espreitar pela fresta entre as duas prateleiras de cima.

– Boas! – disse o Calvin, afável, ao rapaz que trazia uma camisa de flanela xadrez, calças de ganga e botas de montanha.

O outro respondeu com um aceno de cabeça, praticamente sem olhar para ele.

– Ouvi dizer que tens andado a sair com a minha ex-namorada – disse o Calvin num tom carregado de ironia. Estava a dar-me a provar do meu próprio veneno, e sabia-o bem.

O comentário chamou a atenção do rapaz, que observou o Calvin com curiosidade, e eu senti-me corar ainda mais.

– Sabes, a tua *namorada* – insistiu o Calvin. – A miúda que está escondida ali atrás das bolachas.

E indicou-me com o dedo.

Endireitei-me, e a minha cabeça surgiu por detrás das prateleiras. Passei as mãos pela frente da camisa e abri a boca, mas não sabia o que dizer. Não havia palavras.

O rapaz fitou-me. Durante breves instantes, entreolhámo-nos e eu articulei silenciosamente um humilhante: «Eu posso explicar...» Mas não havia justificação possível.

E nisto aconteceu o inesperado. O tipo virou-se para o Calvin e, com a maior descontração deste mundo, disse:

– Ah, sim. A minha namorada, a Britt.

Fiquei de queixo caído. *O tipo sabia o meu nome?*

O Calvin parecia igualmente surpreendido.

– Ah. Ei, na boa, meu. Pensei... – E estendeu-lhe a mão. – Eu sou o Calvin Versteeg – balbuciou, atrapalhado. – O... ex... da Britt.

– Mason.

O Mason olhou para a mão que o Calvin lhe estendia, mas não retribuiu o gesto. Deixou três notas de 20 em cima do balcão para o Willie Hennessey, veio ter comigo e deu-me um beijo na cara. Era um simples beijo, sem floreados, mas foi o quanto bastou para me acelerar a pulsação. Sorriu-me. Tinha um sorriso simpático e *sexy*.

– Vejo que ainda não venceste o vício dos granzados, Britt.

Respondi com um sorriso cauteloso. Se ele estava disposto a entrar no jogo, melhor para mim.

– Sabes como é: vi-te chegar e tive de procurar de qualquer coisa para me refrescar. – Abanei a mão como um leque e fiz-lhe olhinhos adoráveis.

Os cantos dos olhos dele enrugaram-se. Devia estar a morrer de rir por dentro. Disse-lhe:

– Devias passar lá por casa daqui a pouco. Comprei um *lip gloss* novo e, se calhar, devia testá-lo...

– Ah. Outra prova cega? – disse ele sem hesitar.

Lancei um olhar disfarçado ao Calvin para ver como estava a reagir à cena. Para minha grande satisfação, tinha ar de quem acabara de mastigar um punhado de cascas de limão.

– Já me conheces, sabes que gosto de apimentar as coisas – respondi com veludo na voz.

O Calvin tossiu e cruzou os braços.

– Já não devias estar a caminho, Britt? Aconselho-te a chegar ao chalé antes do anoitecer.

Algo indecifrável ensombrou o olhar do Mason.

– Vais acampar? – perguntou-me.

– Uma expedição às montanhas – corrigi. – No Wyoming, a Teton. Ia-te dizer, mas... – Bolas! Que desculpa ia eu arranjar para não ter informado o meu namorado sobre a viagem? Agora que estava tão perto de conseguir o que queria, ia deitar tudo a perder.

– Não pensaste que fosse importante, já que também vou para fora e, de qualquer maneira, não íamos poder passar a semana juntos – concluiu o Mason com grande à-vontade.

Voltei a encará-lo. Bonito, desembaraçado, disposto a alinhar em tudo (até fingir ser namorado de uma rapariga que nunca vira antes) e um mentiroso de primeira apanha. Quem *era* este tipo?

– Pois, foi isso – murmurei.

O Calvin inclinou a cabeça para o lado, trocista.

– Alguma vez passei uma semana fora sem te dizer, quando estávamos juntos?

Oito meses, pensei com azedume. E rompeste comigo na noite mais importante da minha vida. Jesus ensinou-nos a perdoar, mas há sempre lugar para uma exceção.

Virando-me para o Mason, disse:

– A propósito, o meu pai quer que vás jantar lá a casa para a semana.

O Calvin abafou uma exclamação.

Certa vez, quando chegámos a minha casa cinco minutos depois da hora combinada, demos com o meu pai no alpendre a agitar um

taco de golfe. Chegou ao pé do Ford F-150 preto do Calvin e deu-lhe com o taco, deixando uma bela cratera.

– Da próxima vez que a trouxeres tarde a casa, faço o mesmo aos faróis – ameaçara ele. – Não sejas estúpido a ponto de precisar de um terceiro aviso.

Mas não estava a falar a sério. Nem por isso. Como era o bebé da família, e a única rapariga, o meu pai tendia a sofrer acessos de mau feitio no que tocava aos rapazes com quem saía, mas na realidade não passava de um pachola. Em todo o caso, o Calvin nunca mais pisou o risco.

E nunca, mas *nunca* tinha sido convidado a jantar lá em casa.

– Diz-lhe que me davam jeito umas dicas para a pesca com mosca – respondeu o Mason, mantendo a charada.

Como que por milagre, adivinhara também o desporto preferido do meu pai. Tudo aquilo começava-me a parecer um pouco... surrealista.

– Ah, e outra coisa, Britt. – Passou-me a mão pelo cabelo, afastando-o do ombro. Permaneci imóvel como uma estátua, sem respirar. – Tem cuidado. Nesta época do ano, as montanhas são muito perigosas.

Fiquei embasbacada a olhar para ele até que se afastou no carro.

O tipo sabia o meu nome. Tinha acabado de me tirar de um aperto. E sabia o *meu nome*.

É certo que eu o trazia estampado em letras garrafais na *t-shirt* lilás da orquestra do campo de férias, mas o Calvin não tinha reparado nesse pormenor.

– Julguei que estavas a mentir – disse-me o Calvin com um ar aparvalhado.

Entreguei ao Willie uma nota de cinco para pagar o granizado e enfiei o troco no bolso.

– Por muito que tenha gostado desta nossa conversa – respondi. – Tenho coisas mais produtivas para fazer. Tais como riscar aquele teu carrão. É demasiado bonito.

– Tal como eu? – disse ele a abanar as sobrancelhas de forma sugestiva.

Enchi as bochechas de granizado e simulei a intenção de o cuspir

para cima dele. O Calvin desviou-se com um salto e, para minha grande satisfação, perdeu finalmente o sorrisinho arrogante.

– Vemo-nos logo à noite, em Idlewilde – atirou ele enquanto eu me afastava da loja. Em jeito de resposta, fiz-lhe um gesto de falso entusiasmo.

Mostrar-lhe o dedo do meio teria sido óbvio de mais.

Ao passar pelo BMW do Calvin no parque de estacionamento, reparei que tinha as portas destrancadas. Olhei para trás, para me certificar de que ele não me estava a observar, e tomei uma decisão repentina. Entrei para o lugar do passageiro, torci-lhe o retrovisor, espalhei granizado pelos tapetes e saquei-lhe a coleção de CD clássicos do porta-luvas. Era um gesto mesquinho da minha parte, mas fez-me sentir um nadinha melhor.

Devolver-lhe-ia os CD esta noite – depois de lhe riscar alguns dos favoritos.